

Seminário “Comendo Como Gente: Práticas de conhecimento indígena sobre alimentação e Comensalidade”: um encontro de antropologia e educação.

Autores: Clarissa Torres de Aguiar; Elvison Carmo Moura; Arthur Henrique Nogueira Almeida. Orientadora: Karenina Vieira Andrade.

Realizado entre os dias 24 e 26 de junho de 2015, na Universidade Federal de Minas Gerais, o seminário "Comendo Como Gente: Práticas de conhecimento indígenas sobre alimentação e comensalidade", uma iniciativa do OEEI – UFMG (Observatório da Educação escolar indígena), contou com a participação de pesquisadores indígenas de diferentes etnias e etnólogos. Essa proposta se mostrou desafiadora por reunir diferentes linguagens e perspectivas num mesmo espaço, no qual antropólogos não indígenas e pesquisadores indígenas participaram igualmente, dividindo as mesas de diálogo, assim como o auditório.

As diferentes falas do seminário demonstraram a continuidade entre a educação e a alimentação, que envolve o tema da comensalidade. Por comensalidade entende-se alimentação para além do seu mero valor fisiológico, enfatizando os aspectos cosmológicos, os significados simbólicos, a produção da vida cotidiana, a mitologia, a fabricação dos corpos, a gestão do território, entre outros. Ciente que na perspectiva ameríndia do corpo e dos processos de fabricação da pessoa (Segeer, Da Matta, Viveiros de castro, 1979), pretende-se enquadrar as técnicas alimentares enquanto práticas de conhecimento que interagem na produção do corpo e das relações sociais. O corpo é indissociável dos processos de conhecimento. Cuidar do corpo, alimentar-se de uma maneira correta, faz estabelecer vínculos que contribuem para o próprio modo de ser indígena, sua identidade e a existência do universo que o cerca. Comer como gente, é premissa para aprender como gente (“gente” específico a um grupo) E ser gente é ser Paumari, Yanomami, Maxacali, Krahô, etc. .

Com o seminário, foi possível um amplo diálogo sobre a temática, em que antropólogos revisitaram e avaliaram suas pesquisas ao compartilhar com seus colegas e também com os convidados indígenas, que traziam atualidades, outras experiências e críticas a esses trabalhos. Talvez o mais importante tenha sido a intensa troca entre indígenas de diferentes partes do país. Apesar das muitas etnias, é possível que tenham encontrado continuidades entre as distintas maneiras de pensar e de ser gente, além de refletirem sobre possibilidades de ação frente às transformações no mundo indígena, sobretudo no que diz respeito às práticas alimentares.